

CHISSANO E DHLAKAMA OPTIMISTAS NA REMOÇÃO DOS ENTRAVES À PAZ

● Primeiro encontro considerado agradável e satisfatório

por A. Macaringue e T. Ângelo (textos) e A. Marrengula (fotos)

O Presidente da República, Joaquim Chissano, e o líder da Renamo, Afonso Dhlakama, consideram o seu encontro de ontem, em Maputo, o primeiro a realizar-se em território nacional, como significando o início de uma actividade que se pretende contínua e permanente em benefício da paz e da implementação do processo democrático no país. Em conferência de imprensa bastante concorrida, tanto o Chefe do Estado moçambicano,

A cimeira entre Chissano e Dhlakama que era aguardada com grande expectativa, começou cerca das 11 horas da manhã, tendo como palco as instalações do Clube Militar, prolongando-se até perto das 14 horas. Ao encontro tête-à-tête seguiu-se um outro de uma hora, integrando já delegações das duas partes.

Terminada a reunião por volta das 15 horas, Chissano e Dhlakama concederam uma conferência de imprensa conjunta a jornalistas nacionais e estrangeiros, exprimindo o optimismo proporcionado pela cimeira na remoção dos entraves que retardam a implementação do processo de paz no país.

O Chefe do Estado moçambicano afirmou na ocasião que a única particularidade do encontro de ontem é o facto de ele ser o primeiro a realizar-se dentro do território nacional e depois da assinatura do Acordo Geral de Paz, em Outubro do ano passado, em Roma.

«Este é um encontro que nós chamamos de um encontro normal, um encontro que talvez marca o início de uma actividade que nós queremos que seja contínua, que seja permanente, embora o Presidente da Renamo se encontre a residir fora da capital», disse o Chefe do Estado, acrescentando que a partir deste momento estes encontros

serão uma prática de trabalho «onde vamos passar em revista todos os problemas que serão discutidos em benefício da manutenção da paz e da implementação de todo o processo democrático».

Considerando o encontro de bom e agradável, o Presidente da República disse que o líder da Renamo falou das preocupações do seu movimento e explicou a natureza dessas preocupações. «Escutamos atentamente e com agrado porque os aspectos foram colocados de uma maneira positiva e não de uma forma negativa» — disse o Chefe do Estado.

Chissano acrescentou que Dhlakama não veio com fórmulas rígidas ou propostas rígidas. Segundo sublinhou, o dirigente da Renamo não considera a sua vinda a Maputo como sendo uma vinda para apresentar problemas ou encontrar soluções, mas como estando enquadrada no processo da sua fixação definitiva na capital do país.

O Chefe do Estado moçambicano afirmou que durante a estada do líder da Renamo na capital do país irão continuar a falar das preocupações que cada um dos lados possa ter e acrescentou compreender que o seu trabalho será contínuo e os problemas que forem surgindo irão sendo resolvidos.

«Tal é o espírito que nós criamos hoje,

assim como o dirigente da Renamo classificaram a reunião em que foram abordadas questões relativas à administração territorial, à Polícia e à Comunicação Social como tendo sido agradável, não obstante esta não tenha ainda produzido resultados concretos. Esta manhã será dada continuidade ao tratamento destas e outras questões inerentes ao processo de paz, com vista à sua rápida e efectiva implementação.

tal é o espírito que tivemos a ocasião de transmitir a alguns dos nossos colaboradores, tal é o espírito que queremos transmitir à nossa população, esta decisão de trabalharmos para a manutenção da paz para o desenvolvimento da democracia,

apresentou três preocupações fundamentais, nomeadamente, sobre a administração territorial, a Polícia e a Comunicação Social.

Sobre o primeiro ponto, o Presidente da República disse que a Renamo quer que se

governação. O que a Renamo diz é que deseja que essa governação seja feita com imparcialidade em relação a todos os cidadãos; que todos os cidadãos sejam tratados da mesma maneira; que não haja preconceitos de quem pertence à Renamo, de quem pertenceu à guerrilha...», disse Chissano, explicando que esta preocupação é também das autoridades governamentais do país.

Em relação à Polícia, Chissano disse que a Renamo gostaria de ver uma Polícia que vai agir com imparcialidade.

democracia pluripartidária, Afonso Dhlakama desejou que a informação actue com imparcialidade, «porque num país de democracia muitos partidos vão precisar dos jornais, rádio e televisão para falarem da verdade».

«O povo precisa de saber e ouvir a verdade. O que as pessoas dizem é preciso publicar. Eu não adiantei propostas concretas sobre este assunto, mas ficou assente que vamos estudar o problema, uma vez que tem de haver mudanças na imprensa moçambicana, sobretudo mudanças de atitude», disse ainda o líder da Renamo.

para a criação de uma confiança mútua» — disse o Presidente da República.

AS PREOCUPAÇÕES DA RENAMO

Chissano disse ainda que no seu encontro com o líder da Renamo, este

discuta em conjunto para se encontrar as formas de criar confiança no processo de governação do país no seu todo. Indicou que o movimento de Afonso Dhlakama está interessado em acabar com a ideia de que existem duas partes no país.

«O país deve ser um e com uma única

Acrescentou que alguns receios foram suscitados por informações que chegaram ao movimento de Afonso Dhlakama sobre a composição da Polícia actual, sublinhando que «aí trocamos impressões e também vamos poder criar a tal confiança que a Renamo necessita».

O terceiro e último ponto apresentado pela Renamo está relacionado com a Comunicação Social, pois, segundo afirmou, o movimento de Afonso Dhlakama tem a impressão de que os profissionais do sector agem com receio de represálias da parte do Governo e não têm a liberdade suficiente para serem imparciais no seu trabalho.

«Aqui existe uma preocupação com a qual partilhámos e nós queremos uma imprensa livre» — disse o Presidente Chissano, que assinou o facto de já existir no país uma Lei de Imprensa que se quer que seja implementada. Segundo o Chefe do Estado moçambicano, a Renamo quer ver o Conselho Nacional de Comunicação Social a agir de uma forma mais positiva, que dê maior confiança ao seu movimento e a outras forças políticas da oposição.

As questões apontadas pelo Presidente da República foram confirmadas pelo líder da Renamo.

«De facto nós tivemos uma boa reunião como irmãos — disse Dhlakama — e apresentei várias questões que mereceram atenção. Posso dizer que estou satisfeito porque a reunião foi boa».

Dhlakama reiterou a ideia de que o encontro de ontem foi o início de uma actividade que deve continuar em benefício da manutenção da paz e da implementação do processo de democratização do país.

Gostaríamos de entregar as zonas que estão nas nossas mãos

— afirma líder da Renamo

«Gostaríamos de entregar as zonas que estão nas nossas mãos, as zonas que foram criadas pela guerra, para que possam ser reintegradas na administração estatal, permitindo assim que o Orçamento Geral do Estado passe também a contemplar as populações que estão nessas zonas» — disse ontem o líder da Renamo, Afonso Dhlakama, quando falava na conferência de imprensa da questão de administração territorial, um dos temas polémicos que o seu movimento tem vindo a colocar.

Sem entrar em detalhes, Dhlakama disse que ao apresentar esta questão da administração do país no encontro que manteve com o Presidente da República, havia recebido dele uma resposta positiva. «A resposta foi positiva e tal como disse o meu irmão Chissano vamos continuar a estudar o problema para juntos conseguirmos as soluções», disse.

Dhlakama informou também a jornalistas que havia colocado ao Presidente Chissano a sua preocupação sobre a questão da Polícia.

«Como é do vosso conhecimento, nós vamos desmobilizar as tropas e vamos formar um Exército nacional único e nestes termos a Polícia passará a desempenhar um papel importante, principalmente neste momento da democratização do país», acrescentou.

«A Polícia deve ser neutra. Sobre este ponto também fiquei satisfeito, uma vez que a explicação e as respostas que recebi do Chefe do Estado foram positivas. Continuaremos a estudar as fórmulas de fazer com que esta situação seja razoável para todos nós, não só para nós, Renamo, como também para todo o

povo moçambicano que precisará de uma boa Polícia», disse ainda o líder da Renamo.

Falando sobre a actividade da Comunicação Social neste momento de democracia pluripartidária, Afonso Dhlakama desejou que a Informação actue com imparcialidade, «porque num país de democracia muitos partidos vão precisar dos jornais, rádio e televisão para falarem da verdade».

«O povo precisa de saber e ouvir a verdade. O que as pessoas dizem é preciso publicar. Eu não adiantei propostas concretas sobre este assunto, mas ficou assente que vamos estudar o problema, uma vez que tem de haver mudanças na Imprensa moçambicana, sobretudo mudanças de atitude», disse ainda o líder da Renamo.

Minha presença em Maríngué é ainda muito importante

O líder da Renamo, Afonso Dhlakama, disse ontem que a sua presença em Maríngué é ainda muito importante porque é, ainda, a partir da base central do seu movimento que controla as suas forças nos diversos pontos do país.

Justificando a sua continuação em Maríngué, Afonso Dhlakama afirmou que se tivesse saído logo do mato, hoje já poderíamos ter problemas, pois ele não teria o controlo das forças que até aqui estão armadas.

«Tenho a máxima certeza que se tivesse vindo cá a tempo, hoje, já teríamos recomeçado a guerra — disse, acrescentando que para que isso não aconteça tem mandado mensagens diariamente aos seus homens, dizendo que a guerra já acabou e não há necessidade de continuar a luta.

Explicou em seguida que no dia em que estiver longe dos seus homens, nomeadamente comandantes militares que estão nas províncias, será fácil que eles respondam com uso de armas, a qualquer provocação. É por isso que digo que a minha presença em Maríngué é ainda muito importante, disse.

Segundo ele, há certas pessoas que não entendem tal procedimento ao interpretar a sua atitude como sendo uma forma de atrasar a implementação do processo de paz.

«Dizem que este homem continua em Maríngué porque ainda quer guerra — afirmou Dhlakama, ao mesmo tempo que manifestava a sua vontade de muito rapidamente vir fixar residência na capital do país.

«Que sejam criadas as condições para eu ter a minha residência em Maputo, porque não quero permanecer no mato. A guerra acabou, se lá continuo é porque preciso de comunicar com os meus homens, referiu.